



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO V - Nº. 58

Arcanjo da Estação Verão: Uriel

Janeiro 2008

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

“História dos Rosa-Cruzes”

Ao lado das diversas organizações Rosacruzianas de que acabamos de falar, a antiga Ordem dos Rosa-Cruzes continuou a funcionar sem interrupção, mas sem dar motivo a que se falasse dela. Nestes últimos tempos, no momento, a Ordem abandonou o silêncio e o mistério em que se confinara desde o fim do século XVIII. Pouco tempo depois da publicação da primeira edição da presente obra, um dos seus membros, morando na Holanda e conhecido sob o nome de “Frater Synteticus” escreveu no decorrer do ano 1912, numerosos artigos nas revistas “Eenheid”, publicada em Haya, e “Licht en Waarheid”, publicada em Amsterdã, no intuito de atrair a atenção dos investigadores das verdades secretas sobre a antiga Confraria e de fazer um apelo discreto para que os mesmos a ela se afiliassem.

Esses estudos, que denotam profundo conhecimento Rosacruziano, estão redigidos no espírito dos manifestos do início do século VXII, e feitos para afastar aqueles que não de-

envolveram, por si mesmos, faculdades superiores. Na Alemanha, onde existe, como sempre, em lugar mantido oculto, a sede da Ordem, fora aliás dada a palavra de ordem para fazer novamente soar o “tintinabulum mysticum” (campainha mística), por julgar a Ordem que a evolução da humanidade se encontrava suficientemente evoluída, em conseqüência de conjunturas astrais, para que os arautos e auxiliares espirituais, portadores da “Lux Veritatis”, anunciassem a alvorada do Dia do Espírito nascendo sobre o mundo. No número de Janeiro 1922 da revista “Lotus Blaetter”, publicada em Munique, fora igualmente lançado um apelo pela antiga Confraria, que além disso, publicou sob o título “Mysticher Glockenschlag” antigos escritos da Ordem.

A antiga Confraria dos Rosa-Cruzes declara que todo agrupamento Rosacruziano deve, afim de não ser fadado ao insucesso, receber a sua autoridade da Europa, e que na própria Europa, a força de impulsão deve ser dada pela Sociedade Mãe da Alemanha.

Gnose Fevereiro 1938
Fr. Wittemans

O Evangelho de S. João

O cristianismo desempenha um papel único, incisivo e capital na história da Humanidade. De certa forma é o momento central, o ponto de retorno ou de volta entre a involução e a evolução. Daí o resplendor da sua irradiação.

Em parte alguma encontra-se esta luz com a mesma intensidade que se verifica no Evangelho de S. João. E, na verdade, pode-se dizer, só nele resplandece com tanta energia.

Não é deste modo, certamente, que a teologia contemporânea concebe este documento. Sob o ponto de vista histórico, de fato, o considera inferior aos três evangelhos sinóptico e até o suspeitou de apócrifo.

O simples fato de ter sido escrito dois séculos depois de Jesus Cristo foi o bastante para que os teólogos e a escola crítica o considerassem obra de poesia mística e de filosofia alexandrina. O Ocultismo, ao contrário, encarou-o de modo muito diferente.

Durante a idade média existiam várias fraternidades que viveram em seu ideal e foram a fonte principal da verdade cristã. Estas fraternidades denominaram-se irmãos de S. João, Albingenses, Cátaros, Templários, Rosa-Cruz. Todos eram ocultistas práticos e faziam deste Evangelho sua Bíblia, seu Breviário. É provável que as lendas do Santo Gral, de Parsifal e de Lohengrin, emanassem dessas fraternidades e fossem uma expressão simbólica das suas doutrinas secretas.

Todos os irmãos destas diversas ordens consideravam-se precursores de um Cristianismo individual, do qual possuíam o segredo e cujo desenvolvimento máximo e floração absoluta estavam reservados ao futuro. E este segredo só poderia ser encontrado, única e absolutamente, no evangelho de S. João. Nele ocultava-se uma verdade eterna e útil em todos os tempos, uma verdade capaz de regenerar a alma, latente nas próprias profundidades do ser. O Evangelho de S. João não era lido como qualquer peça literária e sim como um ritual místico. Para dar uma idéia do

fato, teremos que abstrairmo-nos por um momento do seu valor histórico.

Os primeiros quatorze versículos deste Evangelho eram para os Rosa-Cruzes objetos de uma meditação quotidiana e de um exercício espiritual. Atribuíam-lhe um poder mágico, de fato, existente para o ocultista. É o efeito produzido pela constante repetição, sem fadiga, da mesma prática, feita à mesma hora todos os dias, em que obtinham a visão de todos os acontecimentos referidos pelo Evangelho e podiam vivê-los interiormente.

Com efeito, para os Rosa-Cruzes a vida do Cristo significava a ressurreição do Cristo no fundo de cada alma, através da visão espiritual. Os demais acreditavam, naturalmente, na existência real e histórica do Cristo, porque conhecer o Cristo interior é reconhecer igualmente o Cristo exterior.

Um espírito materialista poderia indagar, atualmente: Caso tenha de fato, os Rosa-Cruzes terem tido essas visões, provam a existência real do Cristo?

A esta pergunta poderia responder o Ocultista; Se não existissem olhos para ver o sol, o sol não existia, mas se não houvesse sol no céu, igualmente não existiriam olhos para vê-lo. Porque foi o sol que formou os olhos, através dos tempos, e os formou de modo a perceberem a luz.

Assim, os Rosa-Cruzes diziam: "O evangelho de S. João desperta o sentido interno, mas se não existisse um Cristo vivo, ninguém poderia ressuscitá-lo em si mesmo. A obra de Jesus Cristo não pode ser compreendida, em toda a sua imensa profundidade, senão estabelecendo-se as diferenças existentes entre os Antigos Mistérios e os Mistérios Cristãos.

Celebravam-se os Mistérios Antigos em Templos-Escolas. Os iniciados, pessoas que tinham despertados e aprendido a agir sobre seu corpo etéreo, e portanto, "nascido duas vezes", viam as coisas de duas maneiras; diretamente pelo sonho e a visão astral, e indiretamente pela visão sensível e lógica. A iniciação a que se sujeitavam tinham os nomes de Vida, Morte e Ressurreição. O discí-

pulo passava três dias em um túmulo, em um sarcófago, dentro do Templo; e seu espírito libertava-se do corpo, mas no terceiro dia, respondendo a voz do hierofante, retomava ao corpo, de volta dos confins do Cosmo, onde percebera a vida universal. Tinha-se transformado e nascido duas vezes. Os maiores autores gregos falaram, com entusiasmo e profundo respeito, destes mistérios sagrados. Platão chegou a dizer que só o Iniciado merece o qualificativo de homem. O Cristo é a iniciação condensada na vida sensível, assim como o gelo é a água solidificada. O que se verificava nos Mistérios Antigos realizava-se, historicamente no Cristo no mundo físico. A morte dos iniciados era, apenas, uma morte parcial no mundo etérico. A morte de Cristo foi uma morte completa no mundo físico

A ressurreição de Lázaro pode ser considerada um momento de transição, uma passagem da iniciação antiga à iniciação cristã. No Evangelho de S. João, o próprio S. João nos aparece até depois de mencionar-se a morte de Lázaro. “O discípulo que Jesus amava”, era também o mais iniciado de todos. O que passou pela morte e pela ressurreição e ressuscitou a voz do próprio Cristo. João é Lázaro saído do túmulo, depois da sua iniciação. S. João viveu a morte do Cristo. É a senda mística que nos conduz as profundidades do cristianismo.

As bodas de Canaan, cuja descrição lê-se neste Evangelho, encerram um dos mais profundos mistérios da história espiritual da humanidade. Refere-se as seguintes palavras de Hermes: “O que está em cima é análogo ao que está em baixo”. Nas bodas de Canaan a água se transforma em vinho. Dá-se a este fato um sentido simbólico universal. Que é o seguinte: “no culto religioso o sacrifício da água é, transitoriamente, substituído pelo do vinho”.

Houve um tempo, na história da humanidade, em que não se conhecia o vinho. Nos tempos védicos assim sucedeu. Enquanto o homem não bebia líquidos alcóolicos, a idéia das existências anteriores e da pluralidade

das vidas eras uma crença universal, de que ninguém duvidava. Assim que começou a ingerir bebidas inebriantes, a idéia da reencarnação foi-se apagando e acabou por desaparecer totalmente da consciência popular. Só os Iniciados conservaram-na em virtude da absoluta abstenção desses licores.

O álcool exerce uma ação sobre o organismo, especialmente sobre o corpo etérico, onde a memória se elabora. O álcool tem a propriedade de nublar a memória, obscurecê-la em seus íntimos recônditos. O vinho causa o esquecimento, diz-se comumente, mas, este esquecimento não é superficial e momentâneo. É, ao contrário, profundo e durável, uma anulação verdadeira da força da memória no corpo etérico. Por este motivo assim, que os homens começaram a beber vinho, perderam, porco a pouco, a noção e o sentimento espontâneo da reencarnação.

A crença na reencarnação e na lei do Karma, tinha uma influência poderosa não só sobre os indivíduos, como sobre os seus sentimentos. Esta Crença os fazia aceitar a desigualdade das condições humanas e sociais. Quando o desgraçado operário trabalhava nas pirâmides do Egito, quando o hindu da última casta esculpia os templos gigantescos, no coração das montanhas, dizia-se que em outra existência encontrariam a recompensa do trabalho corajosamente suportado, que seu patrão passara por provas idênticas e, se não era bom, passaria por outras muito mais penosas, futuramente.

Ao aproximar-se o cristianismo a humanidade tinha que atravessar uma época de concentração sobre a obra terrestre; era necessário trabalhar, afim de melhorar a vida, desenvolver o intelecto, adquirir o conhecimento racional e científico da Natureza. O sentimento da reencarnação devia, pois perder-se durante dois mil anos. E o elemento utilizado, na conquista desta realização, foi o vinho.

Tal é a causa profunda do culto de Baco, deus do vinho e da embriaguez, forma popular do Dioniso dos antigos mistérios Gregos. Tal, também, o sentido simbólico das bodas

de Canaan. A água servia para os antigos sacrifícios e o vinho para os modernos. As palavras do Cristo; “Felizes os que não viram e, apesar disto, acreditaram”, aplicam-se a nova era em que o homem, entregue, por completo, a realização da obra terrestre, não poderia ter a recordação das suas vidas anteriores, nem a visão direta do mundo Divino.

O Cristo nos deu uma confirmação disto na cena do Monte Tabor, na transfiguração que se verificou em presença de Pedro, Tiago e João. Os discípulos perceberam-no entre Elias e Moisés. Elias representa o caminho da verdade, Moisés, a verdade e Cristo a vida que resume os dois. Por isso só Ele podia dizer: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Deste modo tudo se resume e se concentra, tudo se aclara e se intensifica, tudo se transfigura no Cristo. Remonta o passado da Alma Humana até a sua própria fonte e prevê seu futuro até a sua comunhão com o próprio Deus. Porque o Cristianismo não é exclusivamente uma força do passado e sim uma força do futuro. Com os Rosa-Cruzes, o novo ocultismo indica o Cristo Interior em cada homem, e o Cristo futuro, em toda a Humanidade.

Gnose abril 1938 – Eduardo Schuré

O Mistério Cristão (continuação)

O Enterro: Nesta ocasião o homem se sente penetrado por um sentimento estranho, alheio ao seu próprio corpo; identificou-se com o Planeta. Está amalgamado ou fundido com a Terra e reconhece-se a si mesmo e volve em si na vida planetária.

A Ressurreição: É um sentimento inefável indescritível. Qualquer palavra é inexpressiva, e imprópria qualquer comparação. Atingida essa sublimidade logra-se o poder de curar. Porém é necessário dizer; aquele que conquista este poder, alcança, também o poder de produzir a enfermidade. O Negativo acompanha o positivo. Daí a grande responsabilidade decorrente deste privilégio que se caracte-

teriza por esta velha máxima: “A palavra criadora sai da alma ardente”.

Gnose fevereiro 1938 – Cosmogonia Psicológica Elementar – E. S

Tu e tua Mente Superior

“Ao que apreende o modo do seu verdadeiro Eu, o qual permanece incorpóreo no meio do corpo, e firme se mantém no meio da fraqueza, e seu horizonte longe alarga e nenhuma dor o inquieta mais”.

(Kath-Upanischad)

O Mestre

De fato, ó paciente peregrino, o verdadeiro conhecimento vem da fé, isto é, de uma experiência íntima, e verdadeira fé, a que desloca montanhas, vem do conhecimento!

Por isso, busca sem parar o conhecimento.

Ruma teu ser para essa íntima vida e dedica-te a ela com todo o teu ser.

O conhecimento é o alimento divino, e enquanto não nutres tua alma com esse alimento, não estarás a ponto de safar-te ao mundo enganador da ilusão e espiar a oficina da verdade. Embriagar-te nessa bebida divina antes de entrar a alma na santidade da união com Deus.

A tal sublime conhecimento alude Maomé, dizendo:

“Alá tem para seus eleitos uma bebida com que eles, em bebendo se embriaguem;

Quando se embriagam, entusiasmam-se;

Quando se entusiasmam, fundem-se;

Quando em fusão, tornam-se indagantes;

Quando se tornam indagantes, estão para achar;

Quando achou, tornam-se unos;

Quando unidos, nenhuma diferença mais existe entre ele e seus eleitos”.

Na verdade, esse conhecimento não passa, ó peregrino lutante contra a dúvida, do teu verdadeiro EU, da tua mente superior, pois tal conhecimento inseparável é do conhecente, e por isso, é chamado próprio ou divino conhecimento.

(continuará) - Gnose abril 1938